

AUTOBIOGRAFIA SINESTÉSICA

Tiago Ramos e MATTOS¹

Doutorando em Língua Portuguesa pela PUC-SP

João Hilton SAYEG-SIQUEIRA²

Doutor em Linguística pela PUC-RS

Titular do PEPG em Língua Portuguesa da PUC-SP

RESUMO

Este artigo tem por tema reflexões sobre autobiografia, manifestada em poesia, com recursos sinestésicos de linguagem, que se constituem em uma manifestação figurada das reminiscências do autor. A análise está embasada em teorias que abordam a autobiografia, o poema autobiográfico e as recepções sensoriais. O objeto de estudo selecionado é o poema *Antologia* de Carlos Drummond de Andrade, publicado em 1968, em **Boitempo I – (In) Memória**. Os resultados apontam para a miscigenação de percepções e de sensações, características da sinestesia, como estratégia para uma configuração memorialista.

Palavras-chave: Autobiografia. Poesia. Sinestesia.

Introdução

Biografia é a escrita da vida. Escrita que pode ser literária, política, histórica, laudatória, heroica, psicológica, epistolar, metafísica, romanceada, apologética, ensaística. Ao longo da história ocidental, os registros de vidas foram se diferenciando e ganhando objetivos e peculiaridades próprios. Os primeiros registros se baseiam em dados históricos e são chamados prosopografias (do grego pros = na frente; opos = cara; prosopos = máscara + grafia = escrita), que resgatam o perfil de uma determinada personalidade. Em seguida vêm as hagiografias (do grego hagos = santo + grafia = escrita) que constroem os feitos dos abençoados. Com a propagação dos ambientes acadêmicos, cresceu a organização de biodados, referentes a trabalhos científicos e artísticos.

Anotações começaram a surgir com configurações e propósitos diferentes, dentre eles o confessional, o memorialista, o epistolar que se expandiram para romances, ensaios. Surge, assim, a autobiografia, com um tom psicologicamente intimista que faz um retrospecto de vida, de cunho narrativo, cujo conteúdo temático se assenta em elementos como a família, o trabalho, os relacionamentos interpessoais, os acontecimentos do dia a dia. Trata-se da vida particular de determinado indivíduo que se torna sujeito de uma aventura discursiva.

¹ Endereço eletrônico: cambiaridea@yahoo.com.br

² Endereço eletrônico: joaohilton@uol.com.br

Neste artigo, serão tecidas considerações sobre algumas peculiaridades da autobiografia, levando-se em conta a autoria que se configura em dois territórios, o do sentido e o da forma. O primeiro diz respeito à maneira como as reminiscências são resgatadas e, lexical e gramaticalmente, expostas; o segundo, à disposição arquitetônica do texto, potencialmente verbo-visual. Neste território, por tradição, os recursos verbo-visuais aparecem com maior visibilidade nos poemas, o que veio a ser explorado com maior afinco a partir do Modernismo, eclodindo em versatilidades com o Concretismo.

O objetivo principal não é se ater à composição arquitetônica do texto, pelo fato de se ter selecionado como objeto de análise o poema *Antologia* de Carlos Drummond de Andrade, publicado em *Boitempo I – (In) Memória* (1968), mas a forma poética como retoma suas experiências infantis e as inventaria por meio das sensações sinestésicas por elas deixadas, especificamente, as gustativas e as visuais.

Autobiografia e autoria

Na autobiografia, diferente da biografia, o autor ganha maior autonomia, pois não está resgatando a vida de outrem, mas debruçando-se sobre suas próprias reminiscências, portanto, o posicionamento enunciativo-discursivo do autor é o mesmo da personagem principal da narrativa. A situação do autor autobiográfico abrange duas circunstâncias, a da realidade e a da ficção. Na da realidade, há uma identidade entre autor e personagem principal, o posicionamento locucional é o mesmo, pois são os mesmos sujeitos, o que faz com que o nome do autor designe uma pessoa real. Na ficção, há uma superposição autoral, a do locutor, que escreve o texto, e a do enunciador, que desenvolve a narrativa. Tanto num quanto noutro, prevalece a onisciência. Bons exemplos nos vemos de Graciliano Ramos, nas obras *Memórias do cárcere*, em que ele faz um relato de sua experiência como preso político, e *São Bernardo*, em que ele nos traz uma narrativa romanceada das lembranças de Paulo Honório, personagem principal.

A autoria se estabelece em duas esferas, que, embora distintas, se interseccionam, uma da locução e outra da enunciação. É uma pessoa real fazendo um relato de vida e é uma personagem ficcional desenrolando-se em uma narrativa. A relação autor e narrador-personagem se estabelece pelo contrato marcado pela verossimilhança, por se desenrolar em uma linha divisória tênue entre a realidade e a ficção. Nem sempre a realidade existiu como o autor gostaria de que ela tivesse acontecido, então ele estabelece um diálogo entre realidade e

ficção e constrói circunstâncias possíveis, realizando o protagonismo do autor na figura da personagem, por meio do pensamento, do comportamento, da ação, da opinião, da predileção.

A autobiografia não é apenas uma biografia narrada em primeira pessoa, ela tem peculiaridades que emanam de sua construção composicional e que a fazem um gênero do discurso inteiro, pronto, constituído. Como gênero discursivo goza de uma constituição de pouca relativização, ou seja, um gênero discursivo de menor hibridização. É um gênero do discurso com uma padronização canônica, o que não é incompatível com a presença de subjetividade e de intimidade, que dá o tom preciso de informalidade, assinalado, muitas vezes, por marcadores conversacionais oriundos da oralidade e da recorrência ao discurso direto.

Autobiografia na poesia

A autobiografia tem sua base fixada na prosa; é em 99,9% das vezes em prosa. Todavia, é possível escrever sobre uma vida, sobre elementos dessa vida e sobre essas lembranças vividas, em forma de verso. Cabe-nos pontuar que biografismo é a observação da vida, contemplação desta e apreciação daquilo que é vivido verdadeiramente por uma personagem real. A vida é o tema principal do biografar e do autobiografar. Ao biografar descreve-se uma vida e vidas não são estativas, repousadas, inertes. Vidas emanam movimento.

Lejeune em *O pacto autobiográfico* (2008) aborda a importância da escrita da vida na trajetória literária da França. Para os intelectuais franceses a produção de autobiografias, de diários íntimos e a discussão teórica em torno do assunto ganharam sempre um destaque substancial, embora tenha sido encarada, a produção de autobiografia, por alguns escritores, como algo superficial.

Marguerite Grépon, poetisa francesa e fundadora da revista *Ariane*, ofertou prêmios a diários íntimos de 1957 a 1970. Ela própria escreveu um diário no decorrer de toda sua vida e “praticou uma poesia saborosa, próxima da vida” (LEJEUNE, 2008, p. 100), que tinha uma característica híbrida entre autobiografia e poesia. Eis suas palavras:

No momento em que o hermetismo da poesia se acentua, ofereço ao leitor essas estrofes de versos livres e versos brancos ligados aos acontecimentos, logo, inseparáveis da vida. Mas, segundo uma célebre opinião, só se pode fazer boa poesia com antipoesia. Não sei se a vida é antipoesia ou se o poeta a eleva; tudo o que sei é que não sei fazer de outro modo (GREPÓN, 1956 apud LEJEUNE, 2008, p. 101).

As palavras de Grépon são uma síntese de sua coletânea que foi apresentada como “História em forma de poesia”, e “expressa sensações, expectativas, emoções, decepções” (LEJEUNE, 2008, p. 101). Trata-se de uma poesia que resgata e pleiteia a vida a todo momento, o que leva a certas indagações: Será que autobiografia é apenas a realidade da vida duramente exposta? É apenas exibicionismo, sem nenhuma ficcionalização? Sem nenhuma poesia?

Certamente a autobiografia canônica comporta a poesia, - pode ser, por exemplo, uma poesia escrita pela personagem protagonista - mas será que a poesia canônica, tradicional, que prevê um eu-lírico, dialoga com a autobiografia? A própria Grépon tinha seus receios. Quando pediu a um amigo, Jean Follain, que escrevesse o prefácio para a coletânea, ele refletiu: “Há um afluxo de vida nessas páginas sincopadas que Marguerite Grépon declara ser uma história em forma de poesia e das quais ela confessa resolutamente o ponto de partida autobiográfico” (apud LEJEUNE, 2008, p. 101).

Grépon, em carta, pediu que Follain revisasse o prefácio, contudo ele não o fez. Na carta ela diz:

Na apresentação tão lisonjeira da minha pessoa, como o senhor tão bem indicou, há uma palavra (será que ousarei dizer? Sim, quando se tem o coração puro, pode-se tudo ousar), há uma palavra que não temo quanto a mim e ao senhor (pois entendo o que quer dizer: comparativamente aos poemas atuais que são jogos, enigmas ou reminiscências, os meus vem do coração e das vísceras): é a palavra autobiográfico. Será que as pessoas não poderiam interpretá-la no sentido de indiscrição? E negar a transposição para a poesia?. (GRÉPON, 1956 apud LEJEUNE, 2008, p. 101-102).

Aparentemente, o gênero poesia na França, goza de maior prestígio dentre os escritores. Aqui no Brasil também, se pensarmos nos gêneros discursivos mais prestigiados na escola: o romance, o conto, a crônica; a poesia sempre está dentre eles. E as biografias e autobiografias? E um híbrido de autobiografia e poesia? Lejeune comenta a respeito disso:

Descartar a autobiografia ou querer fazer parte dela impede de pensar no que ela é, nem um bem nenhum mal. A poesia não está em toda parte, a autobiografia também não. Uma pode ser instrumento da outra. Não há mal nenhum em reconhecer que são duas coisas diferentes e, ao mesmo tempo, admitir-se a possibilidade de que tem muitas intersecções (2008, p. 103).

Segundo Lejeune tanto poesia quanto autobiografia, podem uma fazer parte da outra, indiscriminadamente. Discordamos da afirmação de que a autobiografia não está em toda

parte, quando pensamos em gêneros do discurso da esfera de atividade humana literária. Por exemplo, a verossimilhança não é elemento de uma autobiografia, mas a autobiografia, como elemento de verdade, uma sensação de veridicção, de uma impressão do real, na vida de uma personagem, é perfeitamente verificável em um romance. Em alguns casos, essa heterogeneidade pode ser constitutiva da forma, como no caso de *Memórias do subsolo* de Dostoiévski.

No Brasil também ocorre essa hibridização, se pensarmos em *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis, que se caracteriza por essa intersecção entre o autobiográfico e a verossimilhança, todavia, ocorre, evidentemente, aqui no Brasil, assim como na França, também, o híbrido entre poesia e autobiografia, mesmo que de uma maneira um pouco velada e parcialmente assumida.

Antônio Cândido, em um ensaio intitulado “*Poesia e ficção na autobiografia*”, menciona alguns exemplos dessas hibridizações, que já aparecem relevantes em suas primeiras palavras:

Nesta palestra desejo comentar certos livros recentes produzidos por escritores mineiros, que podem ser qualificados de autobiografias poéticas e ficcionais, na medida em que, mesmo quando não acrescentam elementos imaginários à realidade, apresentam-na no todo ou em parte como se fosse produto da imaginação, graças a recursos expressivos próprios da ficção e da poesia, de maneira a efetuar uma alteração no seu objeto específico. Além disso, a palestra visa sugerir que esses traços imprimem um cunho de acentuada universalidade à matéria narrada, a partir de algo tão contingente e particular como é em principio a vida de cada um (1989, p.51).

Os livros utilizados por Cândido foram publicados entre 1968 e 1973 e são de autoria de Carlos Drummond de Andrade, Murilo Mendes e Pedro Nava. Nos atemos ao exemplo de Carlos Drummond de Andrade em *Menino antigo*.

Aconteceu a Drummond, segundo Antônio Cândido, uma depuração de seu estilo mesclado ou impuro, consequência do modernismo que havia começado em uma elevação de vocabulário e tema. Trata-se da passagem entre: *Alguma poesia* e *Brejo das almas* para *Rosa do povo* e *Fazendeiro do ar*.

Drummond retoma a mescla estilística e de tema em *Lição de coisas*, entretanto é em *Boitempo* que retoma o bom humor cotidiano e a auto ironia. É possível identificar em *Menino antigo* em *Boitempo II* um forte traço autobiográfico do poeta. Como nota o crítico José Guilherme Merquior (apud CÂNDIDO, 1989, p.55), é possível observar a tendência decorrente de forte intenção e traço autobiográfico que domina esses dois livros. Não se trata

mais de poemas de memória, mas emoções da sua infância caracterizadas para se saber que se trata de Drummond.

Discorre Antônio Cândido:

Ora, esse intuito autobiográfico não ocorre sob o aspecto de auto-análise, dúvida, inquietude, sentimento de culpa, ou seja, as vestimentas com que aparece na maioria da lírica de Drummond; mas aquele sentimento do mundo como espetáculo que se configura em alguns poemas de *Lição de coisas*. A impressão é de que o poeta incluiu a si mesmo na trama do mundo como parte do espetáculo, vendo-se de fora para dentro. Dir-se-ia então que a tonalidade dos últimos livros é fruto de uma abdicação do individualismo extremado, em favor de uma objetividade que encara serenamente o eu como peça do mundo. Por isso, embora guardem o sabor do pitoresco provinciano e remoto, *Boitempo* e , depois, *Menino antigo* denotam um movimento de transcender o fato particular, na medida em que o narrador poético opera um duplo afastamento do seu eu presente: primeiro, como adulto que focaliza o passado de sua vida, da sua família, da sua cidade, da sua cultura, vendo-os como se fossem objeto de certo modo remotos, fora dele; segundo, como adulto que vê esse passado e essa vida, não como expressão de si, mas daquilo que formava a constelação do mundo, de que ele era parte (p.56).

Tanto em *Boitempo* quanto em *Menino antigo* o estilo literário é aplicado para narrar “a existência do eu no mundo”. Trata-se da descrição de lugar e de biografia de grupo. Resulta de um ângulo narrativo mais particular em relação à lírica anterior das obras de Drummond, contudo mais ampla, em relação ao ângulo específico de uma autobiografia.

A poesia como autobiografia

A vida é um fenômeno holístico, percebido e descrito sinestesticamente por meio de sua constituição fragmentária. A vida é vista, é cheirada, é degustada, é ouvida, é sentida. Sua constituição decorre de como cada situação vivida se torna um sinal recebido fisiologicamente e interpretado tipicamente por meio de uma classificação cultural. Os olhos, por exemplo, são sensores que captam apenas a luz em suas diferentes intensidades e em seus variados reflexos, o que possibilita a identificação de cores, derivadas dos matizes vermelho, azul e amarelo.

Sendo assim, os olhos são órgãos fotorreceptores; já os ouvidos são mecanorreceptores; a pele é um órgão termorreceptor; a boca e o nariz são órgãos quimiorreceptores, responsáveis, respectivamente, pelo paladar e pelo olfato. Pelo paladar, são identificados cinco sabores básicos, bem aceitos: salgado, doce, amargo, ácido e umami (palavra de origem japonesa que significa gosto saboroso e agradável); já pelo olfato, seis odores básicos: floral, cítrico, herbal, especiado, adocicado e amadeirado; associados a outros milhares.

A sinestesia sempre foi fonte de inspiração para diversos escritores, principalmente para os poetas que se debruçam de maneira mais aguçada a desvendar o mundo e a representá-lo pelas intensidades dos sentidos que podem resgatar reminiscências de momentos da vida e reescrevê-la em lapsos de memória, como o fez Carlos Drummond de Andrade, no poema que segue:

Antologia

Guardo na boca os sabores
da gabirola e do jambo,
cor e fragrância do mato,
colhidos no pé. Distintos.
Araticum, araçá,
ananás, bacupari,
jatobá... todos reunidos
congresso verde no mato,
e cada qual separado,
cada fruta, cada gosto
no sentimento composto
das frutas todas do mato
que levo na minha boca
tal qual me levasse o mato.

Já o título indica a natureza do assunto a ser tratado, qual seja, uma coleção de recordações selecionadas e guardadas por seu valor e pela sua qualidade. O valor está no intercâmbio residual que os diferentes sabores e a cor verde do mato trazem à memória, de uma infância deslocada pelo tempo e pelo espaço. Esse *congresso verde no mato* traz, em si, a realização de um encontro gustativo de qualidades dispersas em papilas rememorativas.

Gabirola é uma fruta de sabor adocicado, como o jambo cujo paladar se assemelha ao da maçã, com predominância do adocicado da vermelha, mas com discreta nuance ácida da verde. Já o araticum tem um gosto agridoce bem acentuado, como o araçá que se assemelha ao sabor da goiaba. Numa escala crescente de acidez, tem-se o ananás, em que esse teor ganha mais intensidade. Também o bacupari tem um cunho azedinho como o mangostão que, com um tom ácido mais suave, beira ao adocicado. Por fim, o jatobá que tem um sabor muito doce em uma polpa de cor verde e bem seca que, em contato com a saliva, resulta em uma verdadeira pasta que gruda por toda a boca.

Alternam-se, da infância, em ambiente campestre, bucólico, os sabores que marcam passagens doces, agridoce e ácidas, mas todas grudadas nas paredes da memória como a

polpa verde do jatobá que aglutina, na boca, *cada gosto no sentimento composto das frutas todas do mato ... tal qual me levasse o mato.*

Conclusão

Dentre as diversas classificações recebidas pela autobiografia, mais uma pode ser acrescentada, a sinestésica. Sinestesia vista em seu aspecto espontâneo, variável de acordo com as sensações percebidas e captadas por cada indivíduo por seus receptores sensoriais. Em alguns a visão é mais arguta que a audição; em outros, o olfato, mais que a gustação. Além disso, devem ser consideradas as evocações, pois um determinado som pode assombrar uma imagem particular, como um gosto, uma certa cor.

Sinestesia é um vocábulo de origem grega, junção dos termos *syn*, que quer dizer união, com *esthesia*, que significa sensação, o que resulta numa acepção de sentir junto ou sentir ao mesmo tempo, o que remete à relação de planos sensoriais diferentes. A sinestesia ocorre quando as sensações e os sentidos se misturam. No poema em pauta, o poeta miscigena sensações gustativas (sabores) com visual (verde).

Como figura de estilo ou de palavra, a sinestesia se configura com uma semântica em que a qualidade de um sentido é atribuída a outro, tal qual a metáfora, comparação por similaridade. Os sabores das frutas se convertem em *congresso verde no mato*. As cores das cascas das frutas vão do amarelado, associado ao verde, no jatobá e no bacupari, ao vermelho, no alaranjado do araçá. O vermelho se expande do rosado do jambo ao amarronzado, do ananás. No entanto, essa gama de cores se fundem no verde do mato que transporta o poeta, (*in*) *memória*, para a infância.

Referências

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Boitempo I – (In) Memória*. Rio de Janeiro: Sabiá, 1968.
BAKHTIN, M. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
CANDIDO, Antônio. *A educação pela noite e outros ensaios. Poesia e ficção na autobiografia*. São Paulo: Ática, 1989.
LEJEUNE, Philippe. *O pacto autobiográfico: de Rousseau a internet*. Minas Gerais: UFMG, 2008.

SYNTHESIS AUTOBIOGRAPHY

ABSTRACT

This article has the theme of reflections on autobiography, manifested in poetry, with synesthetic resources of language, which constitute a figurative manifestation of the reminiscences of the author. The analysis is based on theories that approach the autobiography, the autobiographical poem and the sensorial receptions. The object of study selected is the poem *Antologia* of Carlos Drummond de Andrade, published in 1968, in **Boitempo I - (In) Memória**. The results point to the miscegenation of perceptions and sensations, characteristic of synaesthesia, as a strategy for a memorialist configuration.

Keywords: Autobiography. Poetry. Synesthesia.

Envio: julho/2018
Aceito para publicação: agosto/2018

VERBUM – CADERNOS DE PÓS GRADUAÇÃO – ISSN 2316-3267